



► Ana Paula Sayuri Sato

Ana Paula Sayuri Sato concluiu o curso de Enfermagem na USP e está fazendo mestrado em Enfermagem e Saúde Coletiva. Pretende iniciar doutorado no próximo ano, visando à carreira acadêmica. Aqui ela conta como é o curso na Escola de Enfermagem da USP e relaciona as áreas de atuação dos profissionais que ali se formam – áreas que incluem administração e gestão.

“A parte da gerência é a enfermeira que faz. Você tem de saber coordenar uma equipe.”

JC – Como você chegou à escolha de Enfermagem como carreira?

Ana Paula – Até o 2º colegial eu queria Farmácia. Mas no 3º ano fiquei em dúvida e decidi fazer Enfermagem, porque além da área hospitalar, que é a predominante, também tem área de saúde pública, saúde coletiva, administração.

Você foi aprovada em quais vestibulares?

Na USP e Unifesp.

Você entrou aqui no 1º ano do Ensino Médio. Como foi sua mudança para o colégio?

Uma mudança bem drástica. Mas não foi um choque, foi mais adaptação. Minha irmã já estudava aqui, então eu sabia como era o esquema. Você aprende a estudar um pouco cada dia e isso faz diferença depois.

Alguma dificuldade de adaptação no início do curso de Enfermagem da USP?

O curso é integral, e tem aulas com quatro horas de duração. Além disso, Enfermagem é de manhã na Cidade Universitária e à tarde nas Clínicas. Então, a gente tinha de pegar ônibus. Você fica muito mais cansada.

Como se desenvolve o curso de Enfermagem?

No 1º ano entram as matérias mais básicas – Fundamentos de Enfermagem, Bioquímica, Fisiologia, Anatomia. Como Enfermagem não é só a parte biológica, tem também Psicologia e Sociologia. Você lida com gente e precisa ser competente nisso.

E nos demais anos, o que você estudou?

No 2º e no 3º ano a classe de 80 alunos é dividida em quatro grupos que, em revezamento, fazem quatro grandes blocos: bloco de Saúde do Adulto,



Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Enfermagem	1
conto	4
O homem de cabeça de papelão – João do Rio . . .	4
artigo	7
Genes do colesterol	7
entre parêntesis/para treinar seu inglês	7
Math problem	7
pois é, poesia	8
Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)	8
sobre as palavras	8
Tributo	8

que é mais a parte hospitalar, cirúrgica; bloco de Saúde da Mulher; bloco de Saúde Coletiva, com saúde psiquiátrica no mesmo grupo; e bloco da Saúde da Criança. Em todos os blocos a gente passa por estágios. Uns com maior carga horária, outros com menor. Fora os blocos, que são no período da manhã, à tarde tem matérias básicas. Algumas são ainda na Cidade Universitária, outras na Escola de Enfermagem, e tem matéria na Faculdade de Saúde Pública.

Então, desde o 2º ano os alunos de Enfermagem fazem estágios obrigatórios?

Os estágios começam no segundo semestre do 1º ano. Em Fundamentos de Enfermagem fazemos anamnese, entrevista, exame físico. É pouco, mas já é um contato com paciente.

No 4º, e último, ano, o que os alunos estudam?

Tem os estágios em UTI e Administração, tem matéria sobre doenças transmissíveis. No último semestre é que é o estágio curricular. Você faz só estágio.

Administração precisa de estágio?

Precisa. Uma das competências da enfermeira é administrar.

Você teve de fazer TCC [trabalho de conclusão de curso]?

Sim. Eles dão um tempo para você concluir o trabalho, mas a maioria das pessoas, como fez alguma pesquisa, já tem o trabalho pronto. Meu TCC foi baseado em pesquisa que fiz durante a Iniciação Científica.

Quando foi a sua Iniciação Científica?

A partir da matéria Aspectos Nutricionais do Processo de Saúde-Doença, fui atrás da professora e procurei ver a linha de pesquisa dela. Ela estava começando um projeto e me colocou dentro.

Qual foi esse projeto?

O projeto procurava avaliar um programa de intervenção nutricional, que é o programa de codificação de farinhas com ferro, controle de anemia em gestantes. O projeto foi desenvolvido no Brasil inteiro, em 13 municípios. No primeiro ano eu ajudei a coletar e analisar os dados em São Paulo. Avaliei 750 prontuários. No segundo ano, por meio de entrevistas, avaliei o consumo alimentar das mulheres, para ver o que elas mais frequentemente comem.

Você conseguiu bolsa para a Iniciação Científica?

Consegui bolsa no 3º ano. No início do 3º ano você

manda o projeto, daí você começa a receber a bolsa em agosto, a partir do 6º semestre.

Qual foi o programa que concedeu a bolsa?

Foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, do CNPq.

Qual foi o resultado dessa pesquisa?

Na USP, todo bolsista tem de apresentar os resultados das pesquisas no Siincusp, que é o Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. Eu ganhei menção honrosa pelo segundo trabalho que apresentei, do consumo alimentar das mulheres. Dentre os trabalhos de Iniciação Científica que receberam menção honrosa, a USP escolheu 13 para serem apresentados no exterior. Eu fui para Ohio, nos Estados Unidos, com a coordenadora do programa na Iniciação Científica e mais quatro alunos, e apresentamos o trabalho lá. Foi muito interessante. Visitamos os centros de pesquisa da universidade. Os convênios que a USP tem com universidades no exterior são muito interessantes. Isso é uma coisa que os alunos têm de aproveitar. O pessoal da Poli aproveita bastante.

Após o último ano o que você procurou fazer?

Minha prioridade não é trabalhar em hospital e eu sabia que ia fazer mestrado. Já tinha prestado a prova de ingresso. Estudei bastante para a prova. Comecei o mestrado no início de 2009, também com bolsa do CNPq, e tenho de terminá-lo este ano. Depois vou fazer doutorado.

No mestrado, qual é o foco de seu trabalho?

É uma continuação do estudo que fiz na Iniciação Científica. Peguei bancos de dados do Brasil todo sobre anemia para fazer uma análise. Estou analisando por região, porque as refeições são bem diferentes umas das outras. Há muitas diferenças regionais. O trabalho agora é do computador, no qual já coloquei 12 mil dados.

O que mais envolve seu mestrado?

Além da pesquisa, quem é bolsista tem de se engajar nas atividades do departamento. Ajudo minha professora em todos os outros trabalhos que ela realiza. Ajudo na parte estatística e também nas aulas de graduação.

Você fica na sala de aula atualmente?

Agora não, mas no semestre passado eu ajudei como parte de um programa de aperfeiçoamento no



ensino. Você ajuda nas aulas práticas, como monitora. A gente também tem produção, tem de escrever artigos, ir a eventos, simpósios.

Qual é sua prioridade hoje?

É a pesquisa, para depois poder dar aula em faculdade.

Como você projeta sua carreira daqui a 10 anos?

Quero começar doutorado no ano que vem. Doutorado é em quatro anos. Até poderia ir trabalhar em hospital, mas quero continuar na pesquisa. Gosto de fazer pesquisa, gosto da parte de epidemiologia.

Como está o mercado de trabalho?

Depende do que você quer. Se quer trabalhar em hospital, você tem de terminar a graduação e fazer residência. Quem quer trabalhar em hospital tem de fazer uma especialização ou aprimoramento, porque logo de cara é muito difícil conseguir emprego. Os hospitais exigem experiência.

Os estágios curriculares são contados como experiência?

Isso não conta muito. Hospitais privados normalmente admitem *trainees*, veem quais são os melhores e contratam depois. Mas tem alunos que fazem estágio voluntário para ganhar experiência e poder mandar currículo para hospital privado.

Qual é a importância do estágio na formação profissional?

Muito importante. Não adianta a gente ver tudo só na sala de aula. Além da parte técnica – punção, dar vacina – que a gente só domina na prática, você tem de saber lidar com as pessoas. O que é bem difícil e complicado.

Quais são as áreas de trabalho na Enfermagem?

Quando se fala em Enfermagem, todo mundo pensa primeiro no hospital, que é dominante mesmo. Mas também tem a parte de saúde pública, trabalhar em secretaria municipal ou estadual de saúde. Dentro da saúde pública tem várias coisas. Tem a parte de vacinação, vigilância epidemiológica, vigilância sanitária, como também trabalhar em unidade básica de saúde, Programa Saúde da Família. Também tem a parte de administração em enfermagem, auditoria. A parte da gerência, ninguém sabe que é a enfermeira que faz. Tudo isso pede muita experiência. Principalmente na parte de administração, gestão.

Você tem de saber coordenar uma equipe. Tem de ter essa competência.

Você falou em vigilância epidemiológica. Como ela é feita?

Quando você faz saúde coletiva, o estudo da doença pode ser de forma clínica, individual, você vai ao consultório do médico. Ou então pode ser de forma epidemiológica, coletivamente. Uma unidade básica de saúde deve fazer diagnóstico da saúde da população: Quais são as doenças de maior incidência? Como está a cobertura vacinal da população?

Vê, por exemplo, a incidência de dengue nos bairros e cidades?

Isso. É um trabalho de detetive. Se numa creche há surto de catapora, a enfermeira é que vai lá e contata a secretaria municipal.

E qual a preocupação nesse caso?

É tentar prevenir a propagação dessas doenças.

O que a Enfermagem ofereceu a você em termos de realização pessoal?

Eu sinto que cresci bastante como pessoa. Foi um processo natural de amadurecimento, enfrentando problemas.

Como o colégio foi importante para você?

A época de colégio é única, a gente não esquece. Eu gostava daqui. Aqui aprendi a estudar. Não adianta você querer uma coisa se não estudar. Não tem jeito. Os professores, pela maneira como eles dão aula, eram bem comprometidos com a gente. E também tem os amigos que fiz.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343